



OPERAÇÃO ROTA DO ATLÂNTICO



1 Moradia de luxo na Quinta da Marinha, em Cascais, foi comprada por mais de 4 milhões e escondia fortuna no cofre
2 José Veiga tratou do negócio da casa 3 Ministro Gilbert Ondongo, do Congo, era destinatário da casa e do dinheiro

Empresário confessa mansão para ministro

CORRUPÇÃO José Conalghi, presidente da Asperbras, conta que deram a governante a casa de luxo onde estavam 6,9 milhões **PIVÔS** José Veiga e Paulo Santana Lopes ajudaram a tratar do negócio

HENRIQUE MACHADO

José Roberto Conalghi, presidente da Asperbras, confessou que foi a sua empresa, brasileira, a comprar uma mansão de mais de quatro milhões de euros na Quinta da Marinha, Cascais, para oferecer a Gilbert Ondongo, ministro das Finanças da República do Congo. E, para tal, o empresário também disse ao Ministério Público que contou com a ajuda de José Veiga e de Paulo Santana Lopes.

Fica assim desfeito o mistério da titularidade da casa e dos 6,9 milhões de euros em notas que foram encontrados pela Polícia Judiciária, a 3 de fevereiro, num cofre da moradia - e que nunca

ninguém quis, até agora, assumir. São do ministro das Finanças da República do Congo.

Quanto a Veiga e Paulo Santana Lopes, foram, segundo a investigação da PJ, coautores de crimes de corrupção no comércio internacional, ao participarem, como pivôs, no esquema

de pagamento de luvas a responsáveis políticos congolese. A teoria

sai reforçada, para o Ministério Público, a partir do momento em que agora tem o presidente da Asperbras, corruptor ativo, a contar que contou com a colaboração dos dois empresários portugueses para tratarem do negócio da compra da moradia.

A casa de luxo está em nome

PORMENORES

Imunidade diplomática

O próximo passo da investigação deverá passar pelo emitir de mandados de detenção internacionais em nome de Gilbert Ondongo. No entanto, a Justiça poderá esbarrar na imunidade diplomática de que goza o governante congolês nas suas deslocações ao estrangeiro.

À espera da acusação

A Operação Rota do Atlântico não tem, agora, presos preventivos nem domiciliários. O último detido foi José Caldeira, diretor financeiro da Asperbras, apanhado na Argentina e extraditado para Portugal. Pagou 2 milhões para ficar em liberdade.

de uma sociedade offshore mas na prática foi oferecida pela empresa brasileira ao ministro Gilbert Ondongo, a quem se referiam em telefonemas, escutados, como o "ministrinho".

O objetivo da empresa brasileira, ao tratar de forma principista o "ministrinho" - fotografado pelas vigilâncias da PJ a descer as escadas de um jato privado da Asperbras no Aeroporto de Tires, com malas carregadas de dinheiro - passaria pela obtenção de contratos de obras públicas e de construção civil na República do Congo.

José Roberto Conalghi, ouvido no DCIAP, em Lisboa, pagou uma caução de três milhões de euros para ficar em liberdade.

NOTÍCIA EXCLUSIVA DA EDIÇÃO EM PAPEL

CORREIO